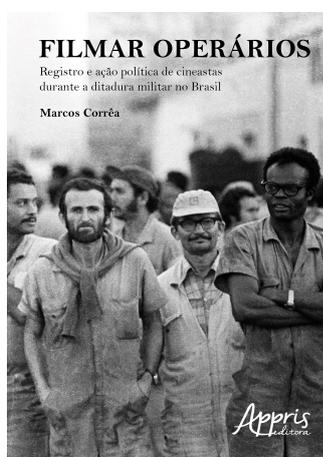


## Documentários, intervenção e protagonismo coletivo no movimento sindical brasileiro dos anos 1970 e 1980

Maria Alice Campagnoli Otre\*



Corrêa, Marcos (2016). *Filmar operários: registro e ação política dos cineastas durante a ditadura militar no Brasil*. Curitiba: Appris. ISBN: 978-85-473-0129-3

Apesar de, como pesquisadora, ter maior aproximação com a subárea da comunicação popular, alternativa e comunitária do que com o cinema em si, o livro *Filmar operários: registro e ação política dos cineastas durante a ditadura militar no Brasil*, de Marcos Corrêa, lançado em 2016 pela Editora Appris, mostrou-se capaz de comunicar, ensinar, contextualizar e aproximar as subáreas de maneira tão natural e instigante, que me permitiu uma leitura agradável e profunda, repleta de informações e riquíssima em interpretações sobre os documentários analisados.

São nove filmes produzidos nos anos de 1970 e 1980, que, na análise do autor, fugiram do modo de produção de documentários tradicionais, em que o cineasta conduz o universo que representa, e deram voz a um protagonismo coletivo e às demandas específicas dos segmentos retratados no contexto do movimento popular/sindical.

---

\* Universidade de Marília, curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: maliceotre@gmail.com

Nesses anos, o país vivia um contexto marcante para sua história, com rápidos processos de industrialização, urbanização crescente e inundado em processos políticos, econômicos e sociais marcados, de um lado, pela ditadura, repressão e silenciamento por parte do estado; e, de outro, pela resistência e luta por voz por parte dos movimentos sociais organizados.

Vale ressaltar, ainda, que o livro é resultado de uma tese de doutorado defendida na Universidade Metodista de São Paulo e aprovada com conceito Summa cum Laude, destacando a importância das contribuições que oferece à comunicação como um todo, ao cinema e à comunicação alternativa no contexto sindical, particularmente. A tese foi orientada pela professora Dra. Círcia Maria Krohling Peruzzo, que prefacia o livro *Filmar Operários*, e que é reconhecidamente um dos grandes expoentes no estudo da comunicação popular, da comunicação alternativa, da comunicação para a cidadania e de outras subáreas de aproximação ao tema no Brasil.

Com 350 páginas que fogem do academicismo com o qual nos preparamos para ler uma tese de doutorado, o livro oferece uma leitura fluida e prazerosa, sem abandonar o rigor metodológico e a consistência que se exige de uma pesquisa desse nível. A análise de conteúdo é uma das técnicas chave para guiar a interpretação dos documentários. Conforme destaca o próprio autor, uma das principais preocupações da pesquisa foi “compreender os processos de produção cinematográfica [...] como se deu o processo de construção fílmica, sua utilização e de que modo esses filmes reafirmam uma postura de ação política realizada tanto por cineastas envolvidos em sua produção como pelas personagens nelas retratadas” (Corrêa, 2016: 319).

A obra é dividida, de maneira didática, em quatro capítulos, sendo o primeiro o responsável por nos guiar pelas questões históricas e conceituais, que correlacionam cinema, causas operárias, origem e importância da imprensa sindical, sociedade, história e o protagonismo da igreja católica em sua vertente libertária, principalmente representada pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – em sua relação com o movimento sindical do Grande ABC; região que congrega as cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano, no entorno da cidade de São Paulo, Brasil.

Dentre os primeiros documentários analisados estão *Operários da Volkswagen* (Wolf Gauer e Jorge Bodanzky, 1974), *Acidente de trabalho* (Renato Tapajós, 1977), *Trabalhadoras metalúrgicas* (Renato Tapajós e Olga Futemma, 1978) e *Chapeleiros* (Adrian Cooper, 1981); cujas temáticas envolvem o operário brasileiro e são interpretados no capítulo 2 do livro, sob o título: “Operários e cineastas: como o documentarista restabelece discursos políticos sobre o operariado brasileiro”. Nesta seção, o autor verifica a hipótese de que o

operário é deslocado do papel de coadjuvante a elemento central da narrativa fílmica. Mais do que discussões panfletárias, há nos filmes um posicionamento político dos cineastas quanto ao que retratam, por opção própria do realizador ou pelo estabelecimento de um vínculo institucional consciente com o qual ele simpatiza.

No capítulo 3 são analisados outros três filmes, *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* (Roberto Gervits/Sergio Segall 1979), *Greve!* e *Trabalhadores: Presente!* (João Batista de Andrade, 1979), sendo que a temática definida por Corrêa é o olhar do cineasta sobre a greve, evento revolucionário e marcante no contexto sindical. Sob o título: “Militância e embate: o cineasta diante do outro em greve”, o capítulo registra momentos que os cineastas supunham compreender o contexto envolvido e os limites e necessidades da realização cinematográfica. Destaca-se aqui a importância do envolvimento do cineasta durante a realização, sua postura independente e interventiva, que possibilitaram a exposição de contradições internas do próprio movimento de maneira estratégica, como ferramenta de reflexão.

Os últimos filmes analisados, no quarto e último capítulo da obra, são *Os Queixadas* (Rogério Corrêa, 1978) e *Linha de montagem* (Renato Tapajós, 1982), ambos retratando grandes greves protagonizadas pelo movimento sindical, sendo em *Os Queixadas* (porco do mato que se une aos da mesma espécie para afugentar os inimigos, quando em perigo), o retrato de uma das mais importantes greves operárias brasileiras, na indústria Perus de cimentos (entre 1962 e 1969); e em *Linha de montagem*, o enfoque particular às “greves dos metalúrgicos de 1979 e 1980 e o seu protagonismo na retomada democrática que marcaria o fim da ditadura militar implantada em março de 1964” (Corrêa, 2016: 271). Como destacou o pesquisador/autor, seria “o resgate de uma memória adormecida com a intenção de que interfira no presente” (Corrêa, 2016: 271).

As análises desenvolvidas pelo autor são detalhadas, fundamentadas teoricamente e extremamente ricas dentro do universo enfocado. Além disso, o livro favorece visualmente a leitura e a riqueza dos detalhes e análises por meio das imagens cuidadosamente selecionadas e do design limpo e agradável.

*Filmar operários* é um convite à reflexão (e ação) dos que se relacionam com o universo dos documentários/cinema e com a comunicação popular, com a comunicação alternativa e com a comunicação sindical. Além disso, realiza-se na obra uma visita histórica a um importante momento da sociedade brasileira, em que o silenciamento esteve lado a lado à resistência, com papel importante dos cineastas e do universo fílmico nacional. Daí o convite à ação.